

# FOLHA DA MANHÃ

SEMANARIO POLITICO E NOTICIOSO

EDITOR RESPONSÁVEL—M. José d'Oliveira

MUNICIPIO DE BARCELLOS  
BIBLIOTECA

ANNO III

## Assignaturas

Trimestre 360 rs.—com estampilha 400  
Semestre 720 » — » 800  
Anno 1440 » — 1600  
Avulso 40 » — 42 1/2

## BARCELLOS

QUINTA-FEIRA, 6 DE OUTUBRO DE 1881

## Publicações

Corpo do jornal . . . . . 40 rs.  
Secção d'annuncios . . . . . 30  
Repetição . . . . . 20  
Corresp. franca de porte á Redacção da  
FOLHA DA MANHÃ

N.º 114

### EXPEDIENTE

E' nosso unico agente em Allemanha, França e Italia, o sr. ADOLF STEINER — Hamburgo.

### BARCELLOS, 5

Ao norte d'este pequeno canto do occidente, que felizmente conserva ainda o nome de Portugal, ergue-se esta nossa terra, digna a todos os respeitos da mais levantada consideração já pelos fóros que lhe prodigalisaram nossos maiores e de que a historia dá o mais vivo testemunho, já pelas magnificas condições em que se encontra d'entrar em competencia com outras povoações, onde a imprensa é o campo desembaraçado da discussão leal, fonte perenne de luz.

Sempre que uma dedicação profunda nos conduzir por esta senda, caminhamos para o ideal supremo a que visam os esforços valiosos dos obreiros, empenhados em architectar o soberbo edificio social; e, concorrendo d'este modo para o engrandecimento da humanidade, difficil será encontrar motivo de arrependimento.

Profundo respeito nos deve inspirar a memoria de quantos tem corrido na medida de suas forças para derramar por de sobre o povo a instrucção, tão avido d'ella, como avidos estariam de luz os habitantes do sombrio imperio.

Quem não sabe que a base de todo o desenvolvimento se encontra solidamente fixa e apoia-

da desde que a publicidade se tornou facilmente accessivel mesmo aos pensadores de mais baixa plana?

E' este o ponto que nos absorve n'este momento toda a attenção e que desejavamos fosse comprehendido e respeitado por quantos, entre nós, se entregam a trabalhos d'imprensa por meios e insignificantes que sejam. O caminho, que seguem todos os jornalistas dotados de senso e prudencia, é este; mas a opposição em Barcellos afasta-se radicalmente d'elle, procedendo d'um modo descommunal e torpe: despe-se de caracter e despe de calumnias em todos os sentidos, não poupando reputações, dignas aliás da mais alta consideração. E' caso pa-

ra dizer que o seu orgão é mais perigoso e desastrado que o Etna, o Vesuvio e quantos vulcões estão em actividade á superficie do globo terraqueo; as erupções d'estes assolam, é verdade, as povoações e os campos, comprehendidos n'uma area bastante extensa, mas os seus terriveis effectos não se fazem sentir sempre com a mesma energia e furor em quanto aquelle constantemente e cada vez em superior desafinação vibra golpes desordenados e traiçoeiros, lançando a ignominia onde cumpria reinar a dignidade e a virtude. N'esta marcha vertiginosa e louca onde irão elles parar? triste é dizel-o, mas a experiencia, sabia perceptora, conjectura-lhes um

horrivel futuro, obrigando-os talvez a tomar a divisa dos saltadores de Schiller: guerra aos castellos e . . .

Em abono da verdade somos forçados a declarar desde já, que não temos a louca pretensão de dar vista a quem nasceu cego; mas esta expansão não podemos deixal-a envolta na sombra do esquecimento; é um desejo ardente que nos domina e seja-nos, por isso, relevada essa falta se offendemos a susceptibilidade e o melindre da opposição.

A arma, que manejam é fraca e impossivel; argumentem com factos e não delurpem a verdade para conseguir os seus malevolos fins se desejam abalançar-se a conquistar algum apoio da parte de quem peza

### FOLHETIM DA FOLHA DA MANHÃ

#### PELO CAMPO ALHEIO

#### RETALIOS

#### A PAZ NO TUMULO

An hour of quiet shortly shall we see  
Tell then in patience our proceeding be.  
SHAKESPEARE. HAMLET

E' quando sobre a alma entorpecida  
Tristeza funeraria vem poizar—  
E' quando vem a realidade, a vida  
No enjôo e no desprezo mergulhar,

Que o funebre quadro  
De lugubre scena,  
Que a alma envenena,  
Gozar me compraz.  
Que eu gosto escutando  
Do moicho o piado  
Gozar isolado  
Das campas a paz.

Ahi a minha alma  
Respira contente  
Que preza se sente  
Então no prazer—  
Então para que seja  
O ar desejado  
Funereo, pezado,  
Como ella ha-de ser.

Junto das campas fui sentar-me um dia,

Pallida a lua fulgurava então,  
Qual sol dos mortos, n'ellas estendia  
Melancolico e doce o seu clarão.

E eu por sobr'ellas estendendo a vista,  
Cruzando os braços, o passado a olhar,  
Por essa solidão, que tudo atrista,  
Livre minha alma senti pairar.

Livre, oh bem livre!—ahi ella encontrava  
Ar que com ella se casava então,  
Torpor funereo n'ella me pezava,  
Batia o enfado em cada pulsação.

«A paz onde encontrar?»—A mim dizia  
Co'o desespero de feroz pungir—  
Eis n'uma campas, que não longo via,  
Me pareceu então ouvir rugir.

Olhei—rangendo um braço descarnado  
A loiza para o lado vi lançar;  
Alvamento fantasma amortalhado  
Da campas surge então o mundo a olhar.

Na loiza se sentou e, sobre o braço  
A fronte recostando, a olhar ficou—  
Mas não esteve assim por longo espaço  
Que o terror a bradar-lhe me obrigou—

«Quem és?»—lhe grito. Como acordando  
Em pé d'um salto á minha vós se ergueu  
E, o alvamento capuz p'ra traz lançando,  
A face para mim entãoolveu—

A face?!—D'agua a carne parecia  
Em pelle envolto de terrena côr;  
D'ella atravez distincto bem se via  
Dos ossos o ranger e o terreo alvor.

Para traz a mortalha, pois, lançan do  
Com porte altivo os braços encruzou,  
Mediu-me todo após e, abanando  
A cabeça com pausa, assim fallou—

«Nas torvas ondas do que dizem mundo  
Outr'ora como tu tambem volvi—  
Mil vezes de prazer sorri jucundo  
E mil vezes tambem corri p'ra aqui.

Vivi qual roble na montanha erguido  
Que umas vezes a brisa vem beijar,  
Do tufão outras vezes sacudido  
Co'a fronte altiva vem no chão tocar.

Sorri primeiro de alegria a vida  
Com infantil prazer o mundo olhei;  
Mas a fatal realidade erguida  
Ante mim qual fantasma emfim achei.

Os bellos sonhos que eu sonhára outr'ora  
Ant'ella vi por terra baquear—  
As minhas crenças de ventura agora  
Vi qual o fumo ao vento esvoçar.

Então cada lembrança do passado  
Era um espinho de feroz pungir—  
Cada desfeito sonho recordado  
Vinha-me n'alma com rancor ferir.

Pelo mundo passei como a torrente;  
Apoz de mim deixei prantos e ais—  
Sem paz achar!—a campas finalmente  
Par'cou-me o só descanso dos mortaes.

Para ella corri qual corre o amante  
Da noiva a face a desvendar do veu;  
Na ponta d'um punhal achei radiante

O que maldito o mundo me não deu.»

Callou-se então. Nos labios descarados  
Um sorriso fatal vi assomar—  
Sorrir de morto ao contemplar passados  
Males que já não tem a recear.

«E na morte o que achaste?»—desvairado  
De meu peito o pavor assim brotou—  
«A paz do olvido»—respondeu n'um brado  
E p'ra dentro da campas se arrojou.

De novo a loiza se voltou sobre elle,  
Tornou tudo em silencio a descahir;  
Corri então á campas a ver se d'elle  
Podia alguns queixumes inda ouvir.

Mas debalde escutei, todo collado  
Da campas sobre a loiza, nada ouvi;  
Tudo silencio, em paz tudo callado—  
A paz do olvido!—A paz existe ahi!

Oh! sim, existe. Louco, absorvido  
N'um fatal pensamento me lancei  
Do cemiterio fóra, decidido  
A paz a ir buscar, onde a encontrei.

Mas uma ideia me susteve o braço—  
E' fraco o homem que não sabe oppôr  
Aos males a vontade—mais espaço  
Soffra-se—para morrer com mais fervor.

Oh! sim, que importa o torturar da vida  
De curtos annos no veloz passar—  
Se a morte ha-de chegar appetecida,  
Se a paz do tumulo hei-de emfim gozar?!

A. S. D. GAMA



CORRESPONDENCIAS

CARTAS SEMANAES

PORTO, 4 DE OUTUBRO

A primeira vez que fui a Barcellos vi, sentado em um dos bancos da estação, um homem de apparencia robusta, barba comprida e refractaria a todos os preceitos de hygiene, cabello comprido e tão limpo como a barba; occultavam-lhe os olhos, amortecidos pelas longas vigílias de uma vida sedentaria e estúpida, uns oculos de vidros escuros; envergava um comprido casaco, que pela sua respeitosa velhice poderia attestar, hoje, aos elegantes da moda, como se vestiam nossos avós.

Tinha na mão direita um comprido e grosso bangalorio, que me fez julgar que aquelle homem tinha um processo de fazer justiça que não se coadunaria muito com as costellas dos individuos a quem elle a applicasse.

Lembrou-me Fafe.

Examinei-o do alto da suja garfina até aos dois mundos de bezerro e solla, a que só por zombaria se poderá chamar um par de botas, e achei-o repellente; tão repellente que, disse para comigo:—Herodes devia ser assim. Provavelmente isto é o peccado mortal cá da terra.

Proximo de mim estava um empregado do caminho de ferro; chamei-o de parte, e disse-lhe:

—Diga-me, aquelle traste que alli está foi abandonado por algum passageiro, ou é para vender?

—Que traste? aquelle? e apontava para um balú que estava sobre o balaço.

—Não, homem; é aquelle que alli está sentado.

—O sr. doutor...?

—Ah! elle é doutor! Em que!

—In absencia.

—Julguei que em leis...pela vara da justiça que tem na mão. Vamos a que importa,—vende-se ou não?

—Não, senhor; mas ainda que se vendesse era difficil encontrar parrelha.

Achei graça ao homem; despedi-me d'elle e sahi.

Na tarde d'esse mesmo dia passando eu pela rua Direita, em companhia de um amigo, vi o meu homem sentado á porta de um hotel.

Indiquei-o ao meu amigo e perguntei-lhe se conhecia aquelle gebo.

Respondou-me affirmativamente, e lá fomos rua abaixo, eu a ouvi e elle a contar o que sabia a respeito do homem a quem o meu amigo designava com a extravagante alcunha de—Cróca.

Entre o muito que me disse e que não vem agora para o caso, apresentou-me o homem como um jornalista consumado, um polemista terrivel. Observei então que tendo perfeito conhecimento dos jornalistas mais notaveis que temos, eu nunca tinha ouvido fallar n'este, que elle me apresentava como um portento.

—Em que jornaes tem elle mostrado aquillo que é? perguntei eu.

—No «Barcellense», de que é proprietario e redactor.

—Não conheço o jornal; assim que ler algum numero então farei o meu juizo.

Não tornamos a fallar sobre isto; passados alguns dias vim para o Porto.

Pouco tempo depois o carteiro entregava-me um jornal; — era o «Barcellense».

Li-o e guardei-o como especimen de delicadeza e de bom senso, e que agora me serve para refutar a opinião d'aquelle meu amigo.

No seu numero de 19 de maio diz o «Barcellense» que—Respeita

os argumentos antes de fixar profundamente a sua opinião.

Contra os abuzos, que a opposição semanalmente commette no seu órgão que, borboleteado de reputação em reputação, deixa após si as mais negras manchas e offusca cada vez mais o pouco brilho com que já entra em combate, revolta-se desde muito tempo a opinião publica.

Desesperada situação a de quem, para fazer realçar o seu balofo merecimento, reconhece a necessidade absoluta d'aviltar os outros!!

Melhor seria levantar a coherencia á altura de principio e evitar essa contradança phantastica de projectos com que diariamente tentam embair os seus adeptos. D'essa fórma patenteiam a sua pequena estabilidade e qual machina desconjuntada de balde se esforçam para a conservar em estado de funcionar, visto que a reparação de qualquer das suas partes constitutivas arrasta a desorientação de todas as restantes.

E' esta a conclusão a que nos conduzem as innumeras phases por que estamos vendo passar a caranguejola progressista.

Ha um homem, que faz delirar a granja. E' o sr. Fontes. Chamam-lhe insignificante, e temem-o; negam-lhe os dotes de estadista, e discutem-o todos os dias; querem fazer persuadir ao povo que não pense n'esse homem, e não fazem outra coisa senão pensar n'elle a cada hora, a cada instante, reconhecendo-lhe, de continuo, essa superioridade que lhe negam.

E' curiosa esta deploravel situação d'um partido, que se diz forte e popular, vendo-se constrangido á humilde confissão de que um homem só lhe quebra toda a força, lhe arrebatou a sonhada popularidade!

O paiz, que é d'esse partido d'um extremo ao outro, o paiz que jura unisono o crédo da granja, o paiz que levanta a corde nos escudos o chefe progressista, o paiz volta as costas desdenhoso a toda a granjolada e a todas as granjolicas, a um aceno unico do sr. Fontes!

Ellès, os granjolas, estão no poder porque o sr. Fontes quer;

vivem alli vida deshonrosa, á mercê do sr. Fontes; alcançam uma victoria eleitoral, porque o sr. Fontes li'o consente; fazem duas enormes fornadas, porque o sr. Fontes dá licença; votam o tratado de Lourenço Marques, porque o sr. Fontes manda; alargam e prorogam a concessão da Zambesia, porque o sr. Fontes manda; accumulam erros, disparates e incoherencias governativas, porque o sr. Fontes os impelle; perdem a popularidade, porque o sr. Fontes a isso os intima; vêm levantar o paiz contra elles, porque o sr. Fontes os deixou decretar o imposto de rendimento, impraticavel ou contraproducente, ou porque o sr. Fontes lhes ordenou que fossem desenterrar das velharias obnoxias o arrematante do real d'agua; e por fim caem vergonhosamente, no meio do desespero publico, para serem agradaveis ao sr. Fontes; não conseguindo na opposição fazer vingar sequer a candidatura do seu chefe, porque o sr. Fontes não teve a condescendencia de a recommendar com especial recommendação aos seus amigos e correligionarios.

E andam para ali a empregar a cada passo a palavra *titeres*, como a mais escolhida do seu vocabulario de injurias, quando, confessadamente, os verdadeiros, os unicos *titeres* do sr. Fontes são elles proprios.

E dizem que ha quem não tenha luz propria, que viva dos reflexos emprestados do sr. Fontes, quando são elles os unicos que reconhecem ter vivido da mercê do chefe do partido regenerador!

Não exalçam o merito do honrado estadista; exalçam a grandeza, a enormidade da sua propria inepecia!

Se fosse possivel que o sr. Fontes fizesse tudo quanto lhe attribuem, provado ficaria que o partido progressista era ainda mais insignificante do que na realidade parece,—o que não é pouco!

Pois têm nas mãos os sellos do estado, pois vangloriam-se com o favor da coróa, pois prestam espontaneamente homenagem á lealdade de el-rei e ao seu correcto proceder como monarcha constitucional, pois desvanecem-se com as sympathias populares, pois fabricam uma camara á sua imagem e semelhança,—embora com a intervenção dos cabos nomeados á ultima hora, dos fuzilamentos, das *violencias nunca vistas*, das proclamações do poder judicial e do poder administrativo, e até com a intervenção do dedo de Deus,—pois dão á manivela da machina eleitoral com uma das mãos, enquanto com a outra brandem o punhal das syndicancias; e no fim de contas os fortes, os justos, os populares, os patriotas reconhecem que não foram senão uns *titeres* nas mãos do sr. Fontes!

Oh! miseria! oh! vergonha! oh! abjecção partidaria!

Protestamos contra a asserção, não por honra do partido que se quer desconceituar, mas por honra do sr. Fontes, que

não podia ser causa directa, nem indirecta dos seus erros, das suas loucuras, da sua inepecia.

Quizeram o poder e tiveram-o, quando a coróa, na serena imparcialidade das suas attribuições, julgou dever-lhes conceder o logar que supplicavam honrado, junto do throno.

Podiam honrar o logar, mas não o honraram; podiam mostrar-se grandes, dignos, sabios, e preferiram mostrar-se insignificantes, odientos, e incapazes!

Querem completar a demonstração agora, alcançam-o maravilhosamente!

Pois a nação, essa mesma nação, com cuja confiança ainda hontem se julgavam honrados, tornou-se, com a sua quéda, a simples agglomeração de ambiciosos, alternada ou simultaneamente senhora e escrava das vontades do sr. Fontes? Pois a realza, essa mesma realza, que ainda hontem apregoavam ter docilmente manietada ás suas exigencias, que depois disseram independente na sua lealdade, tornou-se de repente, e só porque elles caíram desastrosos, entre os apupos da opinião publica, de uma servil obediencia á vontade do sr. Fontes?

Incoherencia de um partido desvairado, cujos principios, molles como cera, se amoldam, como as suas apreciações, aos caprichos do proprio interesse!

A mesma acção que attribuem ao sr. Fontes, e que elles dominam extracostitucional, pernicioso, e funesta, seria tolerada, se elle fosse...o que a elles aprez imaginar—o que, quer dizer, que, se a superioridade do sr. Fontes os favorecesse a elles, ou se o prestigio que no chefe do partido regenerador reconhecem se podesse transferir para o primeiro insignificante do partido granjola, essa mesma interferencia, que falsamente accusam ao sr. Fontes, tornar-se-ia a melhor, a mais suave, a mais justa das coisas d'este mundo!

Corrompido o paiz, corrompido o rei, corrompido o partido regenerador, tudo corrompido, só vê a granja a salvação em si mesmo, embora n'uma *reacção, que, para ser logica, deixa de ser justa!*

A ameaça está feita! O amor da injustiça ou a transigencia com ella, apregoada!

A injustiça, que é a primeira das corrupções, dá as mãos á confessada violencia, que não é a ultima d'ellas. A logica diz pois que os corruptos são elles; e, com a corrupção nos olhos, vêem tudo corrompido.

Ha d'estas falsas [sensações] morbidas. Os ictericos tambem vêem, ás vezes, tudo amarello, e a amarellidão está n'elles apenas.

Os granjolas são os ictericos da politica, porque se lhes derramou a bilis!

Quasi que não merecem o esgardeado, por se tornarem ridiculos; merecem apenas compaixão!

«R. de Setembro»

a familia e a sociedade e não entra nas vidas privadas, nem tão pouco lhe servirá d'arma a calumnia.

Vamos ver como é que elle sustenta o que diz.

No n.º de 16 de junho diz mestre Cróca—Cobardes, que só sois fortes contra senhoras:...

E na terceira pagina do mesmo numero lê-se o seguinte:

RECOLHIMENTO—Consta que a regente D. Anna de S. José, a escolhida da canalha e do governador civil para acudir á «gravidade» espantou uma criada que commettera o «crime» de «fazer a cama» á ex-regente D. Maria da Conceição.

Aquella vibora mata á fome as recolhidas que lhe não beijão o pé.

Apezar d'isso a conta que apresentará de despeza ha-de ser na fórma do costume—de grande capitão.

Que «madre!...»

Não precisa commentarios, está definido o homem e o jornalista.

E' injuriando uma senhora indefessa que se respeita a sociedade e que se não maneja a arma da calumnia!!

Teve a coragem da covardia para atirar á face de uma senhora, que se não pôde defender, o maior insulto que poderia fazer á sua honra.

E' assim que se accentua perante o publico o jornalismo canalha. (continua) C.

POVOA DE VARZIM, 3 DE OUTUBRO DE 1881

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

Afrouxou um pouco a animação de banhistas n'esta magnifica praia por occasião da feira grande em Pampilhão, como é de costume, porém essa differença foi immediatamente preenchida, notando-se já a mesma concorrência, senão maior, porém de gente do campo, na maior parte. Não sabemos se o tempo correspondera aos seus desejos e aos nossos, porque apresentou-se hoje desagradavel, apesar do barometro ainda não accusar verdadeiramente chuva.

—Não se effectou hontem, como haviamos dito, o 3.º basar de prendas em beneficio do cofre da associação humanitaria, ficando transferido para domingo.

—Suspeita-se como auctor do roubo praticado ao rev.º sr. P.º Francisco Leite de Moraes, um individuo, que habitava proximo, o qual na noite em que se cometen o roubo foi distribuir pela grande industria d'esta villa—as batotas—bastantes libras, evadindo-se em seguida e ignorando-se o seu paradeiro.

—Seria bom que as auctoridades respectivas pozessem termo aos abusos que a todos os instantes vemos praticar com os carros de banhistas, que passam por algumas ruas estreitas como é a da Junqueira, a toda abrida, e onde esteve ainda ha dias para acontecer uma desgraça, chegando a quebrar a meio um carro de bois.

—Ainda o sr. Martinho Abreu. Na nossa ultima correspondencia em que fallamos d'esto *heroe*, esquecemos, ou para melhor dizer não sabiamos, de mencionar mais uma industria, o que hoje tornamos conhecida do publico. O negocio é de cão, mas não é a *cão*. Tem o sr. Abreu quatro cães de raça fina, ainda novos, que vende *bem vendidos* a quem os pretender.

Diziamos tambem na nossa correspondencia, que elle foi mal succedido o anno passado com a batota, e este anno com a 2.ª pharmacia, e portanto, que teria d'estudado a especialidade que lhe desse mais resultado para o anno. Não foi preciso esperar tanto, já este anno mostrou ao publico em sua casa



mais pharmacia homeopatica. Bem diziamos tambem, e dupla pharmacia, de lá por onde der, e mais uma albarda, que augmentou a sua casa mysteriosa; não tem duvida, a casa é grande, tem capacidade para tudo. Apesar de que se vê na frente d'ella o seguinte:

«Pharmacia Central», «Pharmacia Homeopatica», «Consultorio», «Hotel Particular» e é o sr. Abreu proprietario de tudo isto!, e ainda ha alguns dias encontrava-se mais outra albarda:

«Dentista»

G

## SECÇÃO NOTICIOSA

**Mercê digna**—Em 28 do mez findo, dia do anniversario natalicio de sua alteza o serenissimo principe real D. Carlos, foi agraciado por el-rei com a gran-cruz da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada do valor, lealdade e merito o sr. presidente do conselho de ministros, conselheiro e par do reino, Antonio Rodrigues Sampaio, offerecendo-lhe tambem a banda e insignias da ordem.

**Necrologia**—Fallecen na 5.ª feira passada, pelas 5 horas da tarde, o sr. Manoel José da Silva, enteado do nosso amigo o sr. Jose Maria Ferreira Pastor, de Barcelinhos.

O desventurado moço, a quem não poderam valer os socorros da ciencia e os desvelos de sua extremosa familia, finou-se apoz dolorosissimos soffrimentos.

Paz á sua alma.

**Doença**—Está gravemente doente a exm.ª sr.ª D. Emilia Malheiro de Magalhães Villas-boas Menezes Sampaio, irmã do illm.º sr. Joaquim Malheiro de Magalhães, contador d'esta comarca, e do sr. Antonio Malheiro de Magalhães e Menezes, escrivão de direito em Vianna.

D'aqui testemunhamos o nosso pesar e fazemos votos pelo seu restabelecimento.

**Suspensão**—Está suspenso das suas funcões o carcereiro das cadeias d'esta villa.

Consta-nos que a suspensão teve motivo por ser este empregado accusado de abuso de confiança, utilizando em proveito proprio madeira pertencente á cadeia e praticando outras gentilezas...

**Colheitas**—Estão quasi concluidas as colheitas dos cereaes e vinho das novidades d'este anno.

A produçãõ é a regular do anno passado sendo o vinho de melhor qualidade.

O milho tem regulado nos mercados semanas a 395 e 400 réis o melhor e o vinho dos melhores sitios obteve 20 a 21 mil réis a pipa.

**Desastre**—Na segunda feira passada deu entrada no hospital d'esta villa o cocheiro Francisco de Macedo em consequencia de ter esmagado a mão direita, triturando os ossos, na occasião em que descarregava uma bagagem que conduziu no carro para a estação do caminho de ferro.

**El-Rei no Minho**—Consta que s. Magestade El-Rei tenciona visitar a provincia do Minho por occasião da sua estada no Porto.

**Posse**—Chegou no dia 3 a Lisboa e já tomou posse do seu ministerio o sr. Lopo Váz, ministro da fazenda.

**Pará**—Foi declarado infecionada de febre amarella desde 1 de setembro ultimo o porto do Pará.

**Naturalisações**—Foram naturalisados portuguezes os snrs. Francisco Pereira Lamella, Espanhol; e Chan-loc, china.

**Melhoras**—Ouvimos que tem algumas melhoras na cidade do Porto a esposa do sr. Joaquim José Maciel,

que ha tempo soffre uma pertinaz enfermidade.

E' para estimar.

**Chegada**—Esteve n'esta villa de passagem para Vianna o sr. D. Antão Vaz d'Almeida, chefe fiscal da Alfandega de Vianna.

**2:818**—E' o numero em que sahio o primeiro premio de 150 contos de réis do primeiro sorteio da loteria do Brazil.

O segundo sorteio deve ter lugar hoje.

**Desastre mortal**—Hontem estando Manoel Pereira Villela, da freguezia d'Oliveira, d'este concelho, a cortar um sobreiro, descuidou-se por tal fórma da direcção que a arvore tomou ao cair, que ficou debaixo d'ella, instantaneamente morto.

Lamentamos tão funesto acontecimento.

**Cartas do Porto**—Chamamos a attenção dos nossos leitores para a carta que hoje inserimos n'outro lugar d'esta folha e em que o nosso estimavel correspondente do Porto se afasta da norma até hoje seguida nas suas correspondencias, para fustigar, como merecem, uns *quidans* totalmente parvos d'esta villa, a quem é tempo ja de desmascarar publicamente.

O pequeno espaço de que dispomos corta no meio a correspondencia d'aquelle cavalheiro, a quem pedimos desculpa.

## SECÇÃO LITTERARIA

### O SORRISO

OFF. AO MEU AMIGO ADELINO JULIO M. D'ABREU

Que esperanças cahidas por terra! que amor! que paixão! que delirio não tem no sorriso a sua origem?!

Quem vê sorrir a mãe extrema-sa para o filho que acalenta em seus braços, lê um poema de amor, de abnegação e de felicidade!

Em purpurinos labios o sorriso, é a esperança fagueira do amante: —é a tímida violeta que abre o virido calice ao primeiro arrebol da rociante aurora; —é punhal que fere ou balsamo que cura; —é alva precursora d'um dia sereno ou procelloso; estrella que tremeluz n'um ceu d'anil ou nuvem que passa coruscante tenebrosa, ameaçadora!

Não é intento meu escrever a historia d'uns amores em que abundem as peripecias imaginarias; em que o plano toque a meta do idealismo; nada mais faço do que arrancar com mão tímida uma pagina d'esse livro universal, onde todos lêem e que tem por titulo—AMOR

Talvez, querida leitora, o rubor te suba ás faces, encontrando aqui patentes uns doces momentos da tua vida d'encantos?!

Talvez!.. são tantos os momentos em que os amantes sorriem e dirigem mutuamente palavras tão meigas, tão suaves, que dizendo muito não dizem nada!!

Não quero, porém, querida leitora, penetrar no mysticismo da tua vida.

Deixo-te a sós com esta pagina d'amor.

Ter por assento a verdejante relva; ouvir de perto o tintilar da fonte; o brando teslizar do arroyo por entre as balsamicas e agrestes florinhas; o alegre canto das aves, que saltitam le ramo em ramo nas franças de coradas arvores atravez as quaes se sceda um raio de sol; aspirar a florea fragancia que a brisa prepassando suave por entre a folhagem nos traz; apertar delirante entre as nossas as delicadas mãos d'um donzella a quem se

ama, é fruir o decantado eden, é negar a sua realidade historica nas regiões asiaticas!

Ouvia-se uma voz de donzella, que trémula, dizia:

—Não, não me peças que te abra o coração. Tenho medo.

—Medo! admirou outra voz.

—Medo, sim, medo d'esse mundo vaidoso, que transbordando-lhe o amor no coração, o occulta por causa das conveniencias sociaes, que desdenha do innocente amor d'uma donzella!

—Que importa o mundo, Eliza, quando dois corações se unem, se identificam por um mutuo e santo amor?! Que importa o mundo quando se contempla o risonho panorama que a prodiga natureza aqui nos offerece; quando me extasio ouvindo a tua doce voz; quando me abraço n'um dos teus olhares e aspiro o perfume dos teus cabellos; quando, soffrego, aperto entre as minhas as tuas pequenas mãos e te digo com a vehemencia d'um apaixonado—AMO-TE—?!

Que tu me ames, que tu correspondas a este sentimento que me dilacera sobremaneira a alma, e lêda te sorrias para mim, e a minha vida será toda tua.

Deixa que o mundo falle em sua stulticia, que quando a consciencia está pura não ha a temer arguições.

O rubor afogueara a finissima tez da meiga donzella.

O grato enleio de sua alma angelica traduzia-se de continuo em seu rosto.

Quizera dizer o que sentia; mas sentia que o não devia dizer.

D'esta luta interna saiu victoriosa a donzella.

Seu virginal coração brotou espontaneo as palavras, que por vezes lhe acudiam aos labios.

Do seio diaphano semi-occulto e arphado, arrançou a donzella a custo a expressãõ do seu acrysolado amor.

—Sim que importa o mundo, quando eu tambem te amo?! Que importa o mundo quando sinto o benéfico influxo do teu amor?

Obrigar a alma a reprimir este sentimento, seria o mesmo que dizer á emmurehecida flor—vegetae; o mesmo que cortar as azas a essas avesinhas que ora soltam seus cantos por entre a folhagem e dizer-lhe—adejae. Oh! sinto que te amo! Viver para ti, ter-te sempre a meu lado, collocar-me sob a égide do nosso amor, é a mais dulcificante esperança que acalento.

Calara-se a donzella.

Collaram-se uns labios.

E o echo indiscreto repercutiu o mavioso som de tão agradável contacto!

As aves cessaram seus gorgeios, como para não despertar o venturoso Romeu do grato extasis em que jazia.

A donzella admirando o arroubamento do mancebo, sorriu-se. Sorriso d'anjo!

Sorriso, que penetrando no mais intimo do coração, o fez sahir do doce lethargo, em que se achava.

—Oh! falla, falla, querida Eliza, falla, que a tua voz tem um poder magnetico, tem o poder de me arrebatara a um outro mundo, onde antevejo já o fruir da ventura, oh! falla, falla....

.....

Levantei acaso, querida leitora, o tenue veu, que encubria uma d'essas tão vulgares scenas, em que tu fizeste o papel de Eliza?

Perdoa-me, se assim o fiz.

A historia do amor acha-se de tal fórma generalisada, que se submete facilmente á mais succinta syntese; por isso a historia de Eliza é a historia de todas as mulheres.

.....

Quereis o epilogo d'este tão singelo episodio?

Se fores casada o vosso estado que vol-o diga; se donzella e solteira o vosso coração que vol-o advinha.

Castello de Vide, 24 de setembro de 1881.

João Luiz de Carvalho Cordeiro

## ANNUNCIOS

### AGRADECIMENTO



Antonio da Silva Vieira, da freguezia de S. Verissimo

de Tamel, agradece com o mais profundo reconhecimento, pedindo desculpa por o não poder fazer pessoalmente, a todas as pessoas que o honraram com a sua visita, por occasião do fallecimento de sua esposa, Luiza Pereira, e lhe assistiram ao funeral.

### AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, não lhes sendo possivel agradecer pessoalmente como desejavam a todos os cavalheiros que se dignaram assistir ao responso de gloria que no dia 24 do passado mez de agosto teve logar na Veneravel Ordem 3.ª de S. Francisco d'esta villa pela alma de sua sempre chorada filha Delfina, e acompanharam os restos mortaes da mesma á sua ultima morada, vem por este meio significar a todos o seu muito reconhecimento e gratidão, e muito especialmente á Phylarmonica Barcelense e aos illm.ºs e exm.ºs srs. padre João Baptista da Silva, padre Bento Joaquim Gonçalves, padre João José Fernandes da Silva Correia, Manoel Antonio Esteves e Secundino José Esteves, pelas exuberantes provas de consideração que de todos receberam.

Anna da Graça Fiuza de Mello  
João Baptista e Mello

### AGRADECIMENTO

LIZABEL Maria de Jesus Fiuza com seu marido, filhos e genros, abaixo assignados, achando-se ella na convalescência da grave molestia de que fôra ultimamente acommettida, aproveitam-se d'este meio para se confessarem publicamente agradecidos e muito reconhecidos a todas as exm.ºs sr.ºs e cavalheiros, que durante o periodo grave de sua doença, se dignaram mostrar que muito se interessavam por sua saude.

Neste publico testemunho não podem deixar de fazer expressa menção de reconhecimento aos exm.ºs srs. Manoel Lopes d'Albuquerque, Bonifacio E. Barboza Lamella, seus medicos assistentes, pelo desvellado cuidado, especialmente o primeiro, que empregaram para combater a mesma molestia.

Todos os signatarios, pois, pedindo desculpa de não apresentarem os seus agradecimentos pessoalmente, como era seu dever e desejo, por lhe ser impossivel, aqui solemnemente consignam o seu indevelo reconhecimento para com todos.

Izabel Maria de Jesus Faria  
Antonio José d'Azevedo  
Maria do Carmo d'Azevedo  
Guiomar Augusta d'Azevedo  
Maria Henriqueta de A. Fonseca  
Anna Maria do Carmo A. e Faria  
Marianna Candida Marques da Costa Freitas

Antonio da Silva Fonseca  
Domingos José de Faria  
Domingos Miguel d'Azevedo

### EDITOS DE 30 DIAS

PELO Juizo de Direito d'esta comarca, cartorio do 1.º officio, de que é escrivão Cardoso, correm editos de 30 dias, a citar todos os credores e legatarios da finada Maria Roza Ferreira, da Pouza, e o interessado Antonio Gomes, auzente no Brazil, e os desconhecidos ou domiciliados fóra da comarca, para deduzirem no inventario o direito quetiverem, sob pena de revelia, em cumprimento do paragrapho 4.º do artigo 696 do codigo do processo civil.

Verifiquei—Rocha Fradinho.

O Escrivão

(328) João B. da Silva Cardoso

### EDITOS DE 30 DIAS

PELO juizo de direito d'esta comarca, cartorio do 2.º officio, de que é escrivão Silva, correm editos de 30 dias, a citar todos os credores e legatarios do finado Antonio Fernandes, da freguezia de Martim, e os desconhecidos ou domiciliados fóra da comarca, para deduzirem no inventario o direito que tiverem, sob pena de revelia, em cumprimento do paragrapho 4.º do artigo 696 do cod. do proc. civil.

Verifiquei—Rocha Fradinho.

O Escrivão

(327) Manoel Francisco da Silva

## COMPANHIA NACIONAL DE TABACOS

Esta Companhia, que possui as duas mais antigas, importantes e acreditadas fabricas de tabacos do paiz—a de XABREGAS e a de SANTA APOLONIA—continúa a manipular com o mesmo esmero os productos da sua industria, que tão grande acceptação tem merecido do publico.

Rapé secco e preparado—Folha picada—Charutos—Cigarros—Cigarrilhas, &., &.

[Por intermedio da Agencia de Publicidade no Porto]

(358)



# COMPANHIA

DE  
**NAVEGAÇÃO A VAPOR**



DE LIVERPOOL, PARA OS PORTOS DO BRAZIL  
E RIO DA PRATA

Debaixo de contrato postal com os governos de SS. MM. do Brazil e Grã-Bretanha, para a condução das malas

**A SAHIR DUAS VEZES POR MEZ**

Com excellentes accomodações para passageiros de 1.ª e 3.ª classe

Estes paquetes recebem passageiros por trahbordo do Rio de Janeiro, para Paranaguá, Santa Catharina, Rio Grande do Sul e Porto Alegre

**PREÇOS REDUZIDOS**

PARA ..	1.ª CLASSE	3.ª CLASSE
Bahia.....	72\$000	36\$000
Rio de Janeiro.....	81\$000	36\$000
Santos.....	90\$000	40\$500

Incluindo cama, roupa de cama, boa comida á portugueza, vinho, assistencia medica e serviço de criados.

Caminho de ferro do Porto a Lisboa na classe respectiva **Gratis**

**Palacete**—a sair em 5 de outubro para a Bahia, Rio de Janeiro e Santos

Para passagêns ou mais esclarecimentos, com **A. J. SHORE & C.º**

Agente 57, rua dos Ingleses, Porto. Em Barcellos—Rua Direita n.º 55. (3)

## VINHOS

ENGAR-



RAFADOS

Unico deposito onde se vendem n'esta vinhos da

### COMPANHIA DO ALTO DOURO

desde vinhos de meza de 5.ª qualidade até vinhos superiores. Rua Direita n.º 55. (1)

## COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR DO PACIFICO

### CARREIRA QUINZENAL

Para o Rio de Janeiro, Montevideo, Buenos-Ayres, Valparaizo, Arica, Islay e Callão, tocando alternadamente em Pernambuco e Bahia

PAQUETES A SAIR DE LISBOA, ÀS 3.ªS FEIRAS, DE 15 EM 15 DIAS

Gallcia..... Em 9 de setembro—Em direitura ao Rio de Janeiro  
Valparaizo. » 23 » —Com escala por Pernambuco e Bahia  
Potosi..... » 7 de outubro—Em direitura ao Rio de Janeiro

### GRANDE REDUCCÃO DE PREÇOS NOS MAGNIFICOS VAPORES D'ESTA COMPANHIA PARA CLASSES

	3.ª	2.ª	1.ª
Pernambuco.....	40:000	67:500	90:000
Bahia.....	40:000	67:500	99:000
Rio de Janeiro.....	40:500	81:000	112:500
Montevideo.....	49:500	90:000	135:000
Valparaizo.....	90:000	202:500	301:500
Arica.....	90:000	207:000	315:000
Islay e Callão.....	90:000	225:000	337:500

Sem augmento nos preços das passagens os passageiros que pela primeira vez vão para o imperio do Brazil, poderão seguir, querendo, para Santos, S. Paulo, Campinas, Santa Catharina, Porto-Alegre, ou para qualquer porto principal no litoral do Brazil, sendo sustentados no Rio de Janeiro durante o tempo que tenham de demorar-se alli á espera de transporte para o porto a que se destinam.

A passagem para Lisboa no caminho de ferro, é gratis  
AGENTES—Em Lisboa: E. Pinto Basto & C.ª, Caes do Sodré, 64  
—No Porto: Vasco Ferreira Pinto Basto, Largo de S. João Novo, 10.

Prestam-se todos os esclarecimentos e dão-se bilhetes de passagem nas gaencias e nas terras onde a Companhia tem correspondentes.

Barcellos—O sr. Francisco José Ferreira de Faria. (32)

## VINHOS MADUROS ENGARRAFADOS

29. Campo da Feira, 29

Manoel José de Souza, participa a seus amigos e freguezes que junto ao seu estabelecimento de mercearia, continua a ter grande sortimento de vinhos finos, de diferentes qualidades.

Empresa dinheiro sobre ouro, roupas e moveis—a juro rasavel. (287)

## COMPANHIA UNIÃO POPULAR PENHORISTA

RUA DIREITA N.º 1, BARCELLOS

## SUCCESSAL

DA

## IMPRESA CAMÕES

LARGO DO AFOIO

José Joaquim Lopes da Silva encarga-se de imprimir Cartas circulares, Bilhetes de visita, Facturas commerciaes. Convites para enterros, Editaes, Avizos para pagamento, Mapas, Estatutos de irmandades ou assembleias, Ordens de pagamento e quaesquer outros trabalhos da sua arte, de que garante a nitidez e modicidade dos preços.

Tracta-se n'esta typographia com o annunciante.

## ECONOMIA, BELLEZA, SOLIDEZ E SALUBRIDADE

COM OS

### LADRILHOS MOSAICOS

AOS SRS. PROPRIETARIOS, ENGENHEIROS, ARCHITECTOS E MESTRES D'OBRAS

Estes ladrilhos das fabricas privilegiadas de Pinto, Magalhães & C.ª, estabelecidas no Porto e em Lisboa, recommendam-se pela sua solidez para serem empregados nas egrejas, estações do caminho de ferro, nas entradas dos predios e vestibulos, terracos, cosinhas, etc., sendo o preço dos mais caros inferior aos de mais baixo preço, provenientes do estrangeiro.

O systema dos ladrilhos mosaicos empregados desde muitos annos na Italia, França, Suissa, Inglaterra e Altemanha, etc., é ja bastante conhecido no Porto e em Lisboa, e não tem competidor na belleza, solidez, assoio, barateza e economia.

**Preços nas fabricas ou depositos de Lisboa ou Porto: DESDE 800 RÉIS O METRO QUADRADO, 25 LADRILHOS, ATÉ 800**

A correspondencia deve ser dirigida a

**PINTO, MAGALHÃES & C.ª**

PORTO E LISBOA

REMETTEM-SE DESENHOS A QUEM OS EXIGIR (272)

Agente em Barcellos—**Francisco José Bento d'Oliveira**

(Por intermedio da Agencia de Publicidade no Porto)

### FABRICA DE CONSERVAS ALIMENTICIAS

## LUZO-BRAZILEIRO

DE

## C. MENERES & C.ª

PORTO

Deposito em Barcellos no estabelecimento de Francisco José Bento d'Oliveira, rua Direita n.º 55.

Tem grande variedade em compota de fructas, fructa secca, doces, legumes, e conservas de carnes, peixes e mariscos.

Preços baratissimos. (2)



## MALA REAL INGLEZA



### LINHIA DE PAQUETES A VAPOR

## PARA OS PORTOS DO BRAZIL E RIO DA PRATA

Em 3 de cada mez sahirá DE LISBOA um dos paquetes d'esta companhia para o Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres.

Em 13 para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos.

Em 28 para Pernambuco, Macció, Bahia, Rio de Janeiro e Santos.

Accelam-se passagens a pagar a praso.

A experiencia de mais de 28 annos tem feito com que os paquetes d'esta companhia (a mais antiga na carreira do Brazil) sejam conhecidos pela regularidade, velocidade e segurança expecional; além d'isso pela limpeza, boa ordem, bom tratamento e accomodações a bordo, e pelos melhoramentos mais modernos tanto para a hygiene como para a commodidade dos passageiros.

A bordo dos paquetes da MALA REAL INGLEZA, os passageiros tem gratis cama, roupa de cama, comida cosinhada por cosinheiros portuguezes, vinho 2 vezes por dia, assistencia medica, serviço de criados e outras despesas, assim como o transporte de conboyo de Barcellos até Lisboa.

Trata-se no Porto na rua dos Ingleses n.º 23 e em Barcellos com

## MANOEL ANTONIO ESTEVES (14)